



José D'Assunção Barros¹

O MOSQUITO

Um hipócrita me zumbia aos ouvidos
na tarde morna de verão

Dizia-me que a desigualdade era necessária:
que alguns homens precisavam da liberdade,
e outros da escravidão

Cantava que a desigualdade era um bem
e a autoridade eterna
como tudo, de antemão

“ — Veja as rosas.

Há duas iguais?

Há duas com a mesma pétala?

Há duas que ao sol deitem
no chão a mesma sombra?

¹ Poeta e professor associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Então ...
com os homens não há mistério!
são todos dessemelhantes ”

E as águas de todos os rios do mundo
Vieram-me aos olhos

E os suores das cachoeiras
Molharam-me as pestanas

E a tristeza dos trópicos
– implacável e miocárdica –
envolveu-me o coração

(ou era dele que então saía
como se fosse uma aorta
matéria da própria aflição)

Tudo por eu não sabia o que dizer
ao advogado que falava
com tamanha descompaixão ...

Mas havia uma criança ao lado
que olhava as mesmas rosas
e confirmando a diferença
respondeu-lhe a questão:

“— Sim, cada flor tem seu timbre
cada raiz tem seu chão ...
aquela é mais bonita
uma outra se finge de murcha
e outra é manjeriço

Mas de todas estas flores
que se espalham ao léu do chão
 haverá uma só
que mereça ser pisada?”

E o sol disse que não ...
E o advogado se perdeu
na zoeira do seu zumbido
transformando-se em mosquito

E aquela tarde de trópico
que ardia feito um verão
 aliviou-se no peito
furtando-se ao coração ...